

Corpos Dissidentes no São João: Festas Juninas como Espaços de Sociabilidade, Visibilidade e Resistência LGBTQIAP+ em Tocantinópolis-TO

A presente pesquisa investiga as festas juninas em Tocantinópolis, no norte do estado do Tocantins, buscando compreender como esses eventos se configuram como espaços de sociabilidade, visibilidade e resistência para sujeitos LGBTQIAP+. O estudo parte do entendimento de que as festas não constituem apenas momentos de celebração cultural ou entretenimento coletivo, mas também espaços socialmente densos, atravessados por disputas simbólicas, performances de gênero, relações de poder e possibilidades de reinvenção do social.

A pesquisa se insere no campo da antropologia urbana, dos estudos de gênero e sexualidade e da antropologia das festas, articulando reflexões sobre corpo, cidade, performatividade e territorialidade. O interesse central consiste em analisar de que maneira corpos dissidentes, isto é, corpos que escapam ou tensionam as normas cisheteronormativas, experienciam e produzem as festas juninas em um contexto interiorano da Amazônia Legal. Busca-se compreender como tais sujeitos constroem pertencimento, negociam visibilidade e elaboram formas de existência em espaços marcados simultaneamente por acolhimento, vigilância e normatividade.

Comecei a acompanhar os ensaios das juninas em março de 2026 e se seguiu até final de junho de 2026. Acompanhei a única junina que está dançando esse ano na cidade de Tocantinópolis-TO. Através das observações que fiz durante os ensaios, e a viagem e encontrar os brincantes em outros espaços comecei a analisar alguns pontos que exponho a seguir.

Pensar o São João em Tocantinópolis exige, antes de tudo, deslocar leituras que associam o interior apenas à tradição, ao conservadorismo ou ao atraso. Como aponta Fabiano Gontijo, as cidades do interior não podem ser compreendidas como versões incompletas das metrópoles, pois produzem formas próprias de urbanidade, sociabilidade e circulação de afetos. O interior constitui uma experiência específica de cidade, marcada por proximidade relacional, porosidade entre o público e o privado e intensificação da vigilância social. A lógica do “todo mundo conhece todo mundo” torna o corpo um objeto constante de leitura social: quem anda com quem, quem performa masculinidade ou feminilidade de maneira “adequada”, quem foge às expectativas normativas.

Para sujeitos LGBTQIAP+, especialmente homens gays e mulheres trans, essa dinâmica produz uma experiência urbana marcada por negociações permanentes de visibilidade. Dialogando com Michel Foucault, pode-se pensar que a cidade de interior opera por meio de microdispositivos de poder, dispersos em instituições formais, como família, igreja e escola, mas também em fofocas, olhares, rumores e comentários cotidianos. O controle social não depende exclusivamente de sanções explícitas; ele também se produz nas pequenas atitudes de normalização.

É justamente nesse cenário que o São João emerge como uma ruptura parcial da ordem cotidiana. A festa, na antropologia, não pode ser reduzida ao entretenimento. Autores como Roberto DaMatta mostram que festas produzem inversões, deslocamentos e reorganizações temporárias da vida social. Elas suspendem ritmos ordinários e autorizam performances que, em outros contextos, poderiam ser reprimidas. No entanto, essa suspensão não elimina hierarquias; ela frequentemente as reorganiza.

No universo das quadrilhas juninas, observa-se algo fundamental: grande parte da força estética, criativa e performática da festa é produzida por sujeitos LGBTQIAP+, especialmente gays afeminados, artistas queer e mulheres trans. São eles que frequentemente ocupam funções de coreografia, maquiagem, figurino, produção estética, performance cênica e direção criativa. Em muitos casos, a estética espetacular da quadrilha contemporânea é inseparável do trabalho artístico desses corpos dissidentes.

Isso gera uma contradição central que esta pesquisa busca analisar: embora corpos LGBTQIAP+ sejam fundamentais para a produção simbólica e estética da festa, isso não significa que sejam plenamente reconhecidos em sua dimensão política, subjetiva ou humana. Em muitos grupos juninos, há valorização do talento, da criatividade e da capacidade de entrega artística desses sujeitos, mas não necessariamente reconhecimento de suas demandas por dignidade, respeito e pertencimento. Em outras palavras, seus corpos podem ser celebrados enquanto produzem espetáculo, mas continuam sendo regulados enquanto corpos políticos.

Essa contradição pode ser lida a partir de Judith Butler. Butler nos ajuda a compreender que nem todos os corpos são igualmente reconhecidos como vidas plenamente inteligíveis ou passíveis de luto, cuidado e proteção. O reconhecimento dentro da quadrilha, portanto, pode ser parcial e condicionado. O sujeito LGBTQIAP+ é muitas vezes aceito

enquanto contribui para o brilho da festa, mas essa aceitação pode coexistir com silenciamentos sobre violência, preconceito ou exclusão.

Nesse ponto, as reflexões de José Esteban Muñoz tornam-se especialmente potentes. Muñoz propõe pensar sujeitos queer como produtores de mundos, isto é, criadores de espaços temporários onde outras formas de existência se tornam possíveis. A festa junina pode ser lida precisamente nesses termos: um espaço onde corpos dissidentes constroem pequenas utopias vividas. Não se trata de um espaço plenamente livre de opressões, mas de uma arena em que outras formas de afeto, pertencimento e visibilidade podem emergir.

É nesse contexto que a noção de família adquire centralidade analítica. Muitos brincantes LGBTQIAP+ descrevem a junina como “família”. Essa categoria não deve ser lida apenas de forma metafórica ou afetiva; ela carrega densidade antropológica. A ideia de família aqui se aproxima do que estudos queer chamam de “famílias escolhidas”, redes de cuidado, apoio emocional e pertencimento construídas fora ou para além da família biológica.

Essa formulação é especialmente importante para compreender experiências LGBTQIAP+, já que muitos sujeitos vivenciam rejeição, silenciamento ou conflitos em contextos familiares tradicionais. A quadrilha passa então a funcionar como espaço de refúgio, acolhimento e reconstrução subjetiva. Na junina, muitos encontram reconhecimento, amizades profundas, suporte emocional e formas de cuidado mútuo.

Entretanto, é necessário evitar romantizações. Chamar a quadrilha de família não significa ausência de conflito. Como em qualquer estrutura relacional, também existem hierarquias, exclusões, disputas por prestígio, favoritismos e violências simbólicas. A “família junina” pode acolher, mas também disciplinar. Pode proteger, mas também exigir conformidade. Pode oferecer pertencimento, mas delimitar quais corpos são mais valorizados.

O espaço junino também opera por capitais específicos: capital estético, corporal, performático e relacional. Nem todos os corpos LGBTQIAP+ ocupam a mesma posição. Certas expressões dissidentes podem ser mais toleradas do que outras. Um homem gay talentoso e valorizado artisticamente pode conquistar prestígio; uma mulher trans que tensiona mais diretamente normas de gênero pode enfrentar maior resistência. Assim, mesmo dentro de espaços percebidos como acolhedores, persistem desigualdades internas.

As reflexões de Paul B. Preciado aprofunda essa discussão ao mostrar que gênero e sexualidade são tecnologias políticas de gestão dos corpos. A presença massiva de sujeitos LGBTQIAP+ no São João não deve ser lida apenas como diversidade espontânea, mas como produção de resistência. Ao ocupar a arena, ao dançar, maquiar, costurar, coreografar e performar, esses corpos produzem fissuras nos regimes normativos que regulam quem pode aparecer, brilhar e ser desejado.

Nesse sentido, o São João em Tocantinópolis pode ser compreendido como um espaço paradoxal. Ele é simultaneamente acolhimento e disciplina, liberdade e controle, reconhecimento e apagamento. É um espaço onde corpos LGBTQIAP+ encontram família, mas nem sempre encontram politização. Encontram afeto, mas não necessariamente emancipação. Encontram visibilidade, mas nem sempre reconhecimento pleno.